
Comunicação para o Desenvolvimento e a Mudança Social: reflexões e a partir da análise de projetos horizontalizados e dialógicos na América Latina¹

Hugo de Oliveira Gayoso²
Jacqueline da Silva Deolindo³
Universidade Federal Fluminense – UFF

Resumo:

É histórica a relação entre a Comunicação e os modelos difusionistas e mercadológicos que orientam a aplicação dessa área para alcançar o desenvolvimento em certos lugares, ao mesmo tempo que é notório que o acesso à informação e outras formas de se entender o que é viver bem são peças fundamentais para o pleno exercício da cidadania, para a valorização dos atores locais e suas demandas, para a promoção da cultura de uma comunidade. É com esse enfrentamento epistemológico que nos desafia o “Mapeamento de estudos empíricos sobre comunicação para o desenvolvimento e a mudança social implementados em comunidades latinoamericanas”. O texto que trazemos é um relato de experiência desse projeto PIBIC (CNPq/UFF) e reflete nosso aprendizado sobre projetos que se fundam na comunicação dialógica e participativa.

Palavra-chave: comunicação; desenvolvimento; mudança social.

Introdução

Este trabalho nasce de indagações produzidas a respeito dos desertos de notícias e da comunicação em cidades pequenas do Estado do Rio de Janeiro e como poderíamos pensar em projetos de extensão universitária que contemplassem esses contextos e ajudassem a promover o desenvolvimento local. Iniciamos, então, em 2024, no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, unidade da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes-RJ, a pesquisa Mapeamento de estudos empíricos sobre comunicação para o desenvolvimento e a mudança social implementados em comunidades latino-americanas.

O objetivo desse levantamento é entender como, de fato, a comunicação pode colaborar para que a vida das comunidades com acesso restrito à informações e notícias locais seja mais promissora no que se refere à comunicação e a tudo o que ela promove.

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação e Cidadania Comunicação e Cidadania da 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense. Bolsista PIBIC UFF/CNPq. E-mail: hugogayoso@id.uff.br

³ Orientadora do trabalho. Bacharel, Mestre e Doutora em Comunicação Social. Professora do Departamento de Ciências Sociais de Campos, da Universidade Federal Fluminense. E-mail: jacquelineolindo@id.uff.br

Nesse sentido, assumimos como hipótese ser possível que os processos e práticas comunicacionais não estejam necessariamente alinhados ao desenvolvimentismo industrial de crescimento do capital privado como nas propostas difusionistas (DAGRON, 2008 p. 61), mas à potencialização das características já existentes na sociedade, promovendo a participação popular, horizontal e dialógica, como prática emancipatória e transformadora, capaz de fortalecer a participação comunitária e promover a justiça social.

Este artigo é um relato de uma pesquisa em andamento e tem a intenção de apresentar nossas reflexões sobre a Comunicação para o Desenvolvimento e a Mudança Social enquanto abordagem teórica, metodológica e política da comunicação, falar sobre como essa vertente ainda é pouco explorada no Brasil e apresentar dois casos mais emblemáticos encontrados durante nossos estudos.

A Comunicação para o Desenvolvimento e a Mudança Social, então, é um conceito central para este trabalho. Conforme Víctor Manuel Mari Sáez (2014) explica, essa vertente dos estudos de comunicação emergiu em estreita ligação com a virada teórica crítica e os processos de mudança social em curso em diversos países chamados subdesenvolvidos, principalmente a partir dos anos 1970. Este campo destaca-se por sua orientação política e sua capacidade de pensar a comunicação no cenário das transformações profundas na sociedade desde o lugar, visando promover maior autonomia e participação por parte das comunidades na identificação e solução das próprias questões. Participação, nesse caso, é palavra-chave. Ainda segundo o autor,

Colocar a participação no centro das novas conceituações sobre a Comunicação para o Desenvolvimento e no centro das novas práticas exige uma aposta nos modelos dialógicos ou sociopráticos, por serem os mais coerentes e pertinentes para a emancipação social. Mas as novidades não se esgotam aí. A participação, como categoria central, deve alcançar os modos de gestão e de organização dos novos meios cidadãos ou comunitários, bem como as metodologias utilizadas para o desenho e a avaliação das práticas sociocomunicativas impulsionadas, a fim de que se situem na órbita das metodologias participativas. Em definitiva, a participação deve transbordar os limites do campo comunicacional e tecnológico, para impregnar o conjunto de práticas sociais transformadoras vinculadas às iniciativas comunicativas. (Sáez, 2014, p. 70, em tradução livre)

A Comunicação para o Desenvolvimento e a Mudança Social, conforme Sáez (2014), abrange políticas de comunicação, estruturação da cultura local, participação

cidadã e investimento da comunicação alternativa. Também envolve a intersecção com educação popular e apropriação de tecnologias pelos movimentos sociais. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), mesmo que monopolizadas, ampliam essas possibilidades, auxiliando o cidadão a emitir sua voz, ampliar o debate com outros sujeitos e a buscar e ter acesso a seus direitos.

Procedimentos metodológicos e narrativa dos resultados

A pesquisa de iniciação científica usa como metodologia a revisão bibliográfica e busca em repositórios brasileiros e hispano-americanos artigos, dissertações e teses acadêmicas que usam o conceito de *comunicação para o desenvolvimento e a mudança social* em estudos de caso; o objetivo central é encontrar casos que, de fato, se aplicam a promover a mudança social. Uma vez que essa vertente dos estudos da comunicação ainda é pouco explorada no Brasil, como será melhor detalhado adiante, nos empenhamos também a encontrar estudos de caso que, embora analisem seus objetos à luz de métodos difusionistas, acabam por promover efetivamente a participação e, conseqüentemente, a mudança social. Esses estudos também nos interessam e foram buscados sob as palavras *comunicação para o desenvolvimento*. O período contempla publicações de 2000 a 2025.

Este texto, em particular, além da discussão teórica, pontua os resultados mais emblemáticos e significativos encontrados durante o projeto. A coleta de textos foi realizada por meio do Portal de Periódicos CAPES e do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, no caso dos trabalhos brasileiros, e das bases Latindex, Redalyc e novamente o Portal de Periódicos CAPES, mas com busca em espanhol, no caso dos trabalhos hispano-americanos.

Entre os resultados das buscas nos repositórios brasileiros, são bastante esporádicos os trabalhos que tratam diretamente da *comunicação para o desenvolvimento e a mudança social*, tendo sido recuperados apenas 3, estes explicando a abordagem, mas sem aprofundar um caso em particular. Já nas buscas por *comunicação para o desenvolvimento* (palavras-chave associadas a estudos que abordam a visão difusionista) os resultados são mais variados e os estudos empíricos são mais numerosos, permitindo a coleta de 45 trabalhos nos repositórios utilizados.

Nos resultados em espanhol, na busca de artigos que abordam estritamente a *comunicación para el desarrollo y el cambio social*, foram recuperados mais textos — 24 em todos os repositórios — entre estudos de caso, revisões de literatura e artigos. A busca por trabalhos usando os termos *comunicación para el desarrollo* também resultou em mais trabalhos, sendo recuperados mais de 500 em todos os repositórios utilizados para encontrar trabalhos em espanhol.

Os resultados da pesquisa PIBIC ainda estão em análise, e gradualmente são identificados os casos que tratam diretamente da mudança social; os casos que, mesmo que sejam analisados com viés difusionista, analisam objetos participativos, estes estão sendo mantidos; e os casos já construídos de maneira verticalizada, estes, por agora, não nos interessam. Para esta apresentação, foram selecionados dois casos que mais se aproximam da abordagem aqui privilegiada.

Antes disso, porém, é necessário pontuar as nuances e o contexto em que abordagem teórico-político-metodológica se apresenta na Academia, pois não raro *comunicación para o desenvolvimento* e *comunicación para o desenvolvimento e a mudança social* são linhas tomadas como sinônimas. Gumucio-Dagron (2008), entretanto, fala como os conceitos verticalistas, impositivos, economicistas e industriais da comunicação difusionista ainda predominam como herança da Segunda Guerra.

Seguimos utilizando acriticamente uma terminologia que herdamos dos autores norte-americanos que foram pioneiros no campo. Repetimos, traduzimos e vulgarizamos conceitos oriundos das técnicas da publicidade comercial e até mesmo das técnicas de propaganda utilizadas durante a Segunda Guerra Mundial. Daí a dificuldade, sobretudo em inglês, de evitar, no jargão da comunicação para o desenvolvimento, o uso de termos militares como 'campanha' ou 'alvo', e da publicidade, como 'marketing', 'oferta', 'demanda' ou 'clientes'. (Dagron, 2008, p. 62, em tradução livre)

É notório esse sentido quando, ao pesquisar sobre a comunicação para o desenvolvimento e a mudança social, a maioria dos trabalhos encontrados, na verdade, usam como indexadores os termos de busca *comunicación para o desenvolvimento* e os que encontramos com o termo *comunicación para o desenvolvimento e a mudança social* são escassos tanto no Brasil e nos demais países da América Latina, ainda que nos países hispanofalantes exista maior dedicação ao tema e há mais tempo que em

nosso país.. Autores como Victor Manuel Saez (2014), Chiara Saez (2014), Alejandro Barranquero (2014), Gumúcio Dagron (2008) e Luis Beltrán (1998) têm diversos trabalhos publicados na área da comunicação para o desenvolvimento e a mudança social em diferentes países hispânicos. Já no Brasil, Cicilia Peruzzo (2013) e seus alunos são os principais nomes que abordam essa metodologia na análise da comunicação comunitária e popular.

Nota-se que, quando se aborda o assunto da *comunicação para o desenvolvimento e a mudança social*, a maioria dos trabalhos são teóricos e metodológicos e poucos são os trabalhos que analisam casos concretos, ou seja, poucos são os trabalhos resultantes de pesquisa empírica. Os que são resultado de pesquisa empírica e se dedicam a pensar comunicação para o desenvolvimento, valem-se do arcabouço teórico que dispensa a ideia de mudança social.

De maneira a pontuar de forma mais enfática o que se quer dizer com a *comunicação para o desenvolvimento a mudança social*, foram então separados para esta narração, dois projetos que se utilizam da comunicação e da ação dialógica como ferramentas para a emancipação e empoderamento social: a Fundação Casa Grande, no sertão do Cariri cearense, e o Teatro Campesino e Indígena em Yucatán, México.

A escolha destes dois casos se justifica pelo fato de o Teatro Campesino e Indígena além de ser uma iniciativa que abertamente promove a mudança social, o trabalho que detalha esse projeto também aborda a metodologia. Já a Fundação Casa Grande é um exemplo de uma iniciativa que promove a mudança social, embora o trabalho que a detalhe não se aproprie nominalmente da teoria.

Teatro Campesino e Indígena

O artigo escrito por Carmem Castillo Rocha em 2016 (Rocha, 2016), “El Laboratorio de Teatro Campesino e Indígena y la construcción de la vida buena en Ticopó, Yucatán, México”, exemplifica como o teatro pode ser utilizado como ferramenta de desenvolvimento local de forma a valorizar culturas e fortalecer laços sociais.

Fundado por Maria Alicia Medraro, o Teatro Campesino e Indígena é, sem sombra de dúvidas, uma das iniciativas mais bem sucedidas entre os projetos analisados. Apoiar-se no método do teatro não-pedagógico de Augusto Boal (1974), que

crítica abertamente o formato do teatro eurocentrista, apoiando-se na metodologia de Paulo Freire. No livro “Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas” ([1974]2013), criticando a forma como a colonização e o apagamento histórico contribuiu para a “*burguesificação*” do teatro:

“Teatro” era o povo cantando livremente ao ar livre: o povo era o criador e o destinatário do espetáculo teatral, que se podia então chamar “canto ditirâmico”. Era uma festa em que podiam todos livremente participar. Veio a aristocracia e estabeleceu divisões: algumas pessoas iriam ao palco e só elas poderiam representar enquanto que todas as outras permaneceriam sentadas, receptivas, passivas: estes seriam os espectadores, a massa, o povo. E para que o espetáculo pudesse refletir eficientemente a ideologia dominante, a aristocracia estabeleceu uma nova divisão: alguns atores seriam os protagonistas (aristocratas) e os demais seriam o coro, de uma forma ou de outra simbolizando a massa. “O Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles” nos ensina o funcionamento desse tipo de teatro. (Boal, 2013, p. 13)

Boal traz a crítica ao teatro verticalizado, onde os atores ditam qual será o assunto da peça, e a massa espectadora apenas assiste e recebe a mensagem. Quem está contando a história é quem está em cima do palco, em um palanque, com os refletores sobre si e bradando sobre uma história que ninguém perguntou. Quem recebe a mensagem deve permanecer em silêncio, sem interromper o espetáculo, pois isso seria indecente e desrespeitoso com a limpeza sonora da multidão, e quebraria a apresentação da retórica dita ao palco, pois essa, para se permear entre os receptores, precisa que estes estejam adestrados e calmos, se não, sua mensagem não teria impacto.

Em oposição, apoiando-se em uma visão decolonial do teatro, a iniciativa de Medraro em 1989, objetivou a proposta do teatro não pedagógico, horizontalizado e interativo, com apoio do Instituto Nacional Indígena do México, no intuito de valorizar a cultura maia e empreender a formação de laços locais, além da formação de profissionais do teatro não-pedagógico, cujo qual forma diversos comunicadores por temporada desde seu surgimento. Esta iniciativa se desenvolveu nos últimos 40 anos e hoje está em diversas localidades da região.

A mudança social promovida pelo projeto manifesta-se não apenas na preservação da cultura local, mas na revitalização ativa das tradições comunitárias, criando um espaço de diálogo e reflexão coletiva. Através da linguagem teatral e das expressões artísticas, a iniciativa possibilita que os participantes reconfigurem seu entendimento sobre a realidade vivida, transformando o palco em um território de experimentação

política e ressignificação identitária. Mais do que entretenimento, o teatro torna-se ferramenta para questionar estruturas estabelecidas e imaginar alternativas de existência comunitária, fortalecendo os laços sociais e o senso de pertencimento.

Figura 1 - Apresentação do teatro campesino e indígena



Fonte: Reprodução de tela do site Estamos Aqui, publicação de 4 jun. 2021⁴

Fundação Casa Grande

A dissertação de mestrado de Nataly de Queiroz Lima, defendida em 2011 (Lima, 2011) na Universidade Federal Rural de Pernambuco, é um exemplo de um resultado que mesmo que não abrace a teoria da comunicação para o desenvolvimento e a mudança social nominalmente, possui um objeto de estudo que se enquadra em todos os quesitos do que faz um projeto de comunicação ser ferramenta para a mudança social. A Fundação Casa Grande, localizada na cidade de Nova Olinda, no interior do Ceará, é a única iniciativa comunicacional encontrada no Brasil, no âmbito da análise bibliográfica dos estudos de caso publicados, que ainda mantém atividades nos dias atuais.⁵

A iniciativa fundada pelo casal Alemberg Quindins e Rosiane Limaverde, tinha como objetivo primário a preservação da memória do povo Kariri, população indígena que habitava aquela região. Fundaram então o Memorial do Homem Kariri em 1992,

⁴ Disponível em:

<https://estamosaqui.mx/2021/06/04/el-laboratorio-de-teatro-campesino-e-indigena-de-xocen-patrimonio-cultural-intangible-de-yucatan/> Último acesso em: 05 de julho de 2025

⁵ Canal do Youtube TV Casa Grande: <https://www.youtube.com/@TVCASAGRANDE> Último acesso em: 5 de julho de 2025.

estabelecendo o museu regional, com vasto acervo arqueológico acerca do povo Kariri e da diversidade antropológica presente na Chapada do Araripe à época pré-colonização.

É então em 1998 que é organizada pela fundação a Escola de Comunicação Meninada do Sertão, que mais tarde viraria a Rede de Crianças e Jovens Comunicadores de Língua Portuguesa, uma rede internacional que promove intercâmbio cultural para jovens falantes de língua portuguesa em Angola, Brasil e Moçambique. A instituição tem como missão fundamental a educação e inclusão de crianças e jovens na cultura, sendo elas, as crianças, as responsáveis pela maior parte das produções.

Desde 2000 a fundação vem se desenvolvendo cada vez mais, organizando oficinas e projetos das mais diversas áreas, uma produtora de TV, a 100 Canal, a Editora Casa Grande, que, possuindo selo editorial próprio, é responsável pela publicação de livros e, em especial, gibis, produzidos pelas crianças que frequentam a instituição. Somando ainda a Rádio Casa Grande FM e o teatro Violeta Arraes.

Essas iniciativas não apenas fortalecem o senso de comunidade, mas também estabelecem as crianças e jovens como agentes ativos na construção de uma sociedade mais justa e participativa. A Fundação Casa Grande exemplifica como a comunicação pode ser um instrumento a ser utilizado pela comunidade em benefício próprio, promovendo educação midiática, valorização da cultura popular e inclusão social. Dessa forma, a instituição se consolida como um modelo inspirador de como a comunicação, quando aliada à educação e à cultura, pode ser uma forte ferramenta para a mudança social, contribuindo para formar cidadãos capazes de transformar suas realidades.

Figura 2 - Oficinas na Fundação Casa Grande em produção.



Fonte: reprodução de tela do site Mapa Cultural do Estado do Ceará, publicado em .⁶

⁶ Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/espaco/399/> Último acesso em: 5 de julho de 2025.

Considerações finais

A profunda divergência entre os modelos difusionista e participativo na comunicação popular revela-se como um divisor epistemológico e prático. Enquanto o difusionismo opera por meio de uma lógica verticalizada, onde mensagens, conteúdos e intenções são elaborados externamente e projetados sobre as populações como verdades sobre um conceito de desenvolvimento a serem assimiladas, o modelo participativo da *comunicação para o desenvolvimento e a mudança social* faz um contraponto radical porque se constrói a partir das demandas, saberes e dinâmicas internas da própria comunidade. Essa distinção fundamental transforma a comunicação de instrumento impositivo em ferramenta de emancipação: não se trata mais de falar para, mas de dialogar com e deixar que as pessoas conduzam à solução das próprias questões e demandas.

Nesse processo de aprendizado proporcionado pelo PIBIC, temos entendido que a comunicação participativa cumpre o papel de fortalecer os laços sociais ao criar espaços coletivos de produção simbólica, estabelecer territórios de escuta ativa onde vozes marginalizadas ganham ressonância e, sobretudo, reconhecer a comunidade como sujeito (e não objeto) do processo comunicacional. É uma mudança de paradigma.

Pensando nas intervenções que pretendemos fazer com as ações extensionistas no interior do Estado do Rio de Janeiro como resultado das pesquisas nos desertos de notícias, consideramos que quando adotamos a perspectiva da *comunicação para o desenvolvimento e mudança social*, assumimos conscientemente uma visão política. A mudança social aqui pretendida é direcionada e se orienta explicitamente para a construção de sociedades mais justas, igualitárias, participativas e com ampla possibilidade de intervenção. Trata-se de um caminho que privilegia a crítica estrutural sobre a aceitação passiva, que converte a comunicação em plataforma e ferramenta para o questionamento radical das assimetrias de poder e que oferece os instrumentos materiais e simbólicos para que as comunidades estabeleçam os próprios processos de interpretação e transformação do seu lugar no mundo.

Referências

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

DAGRÓN, Alfonso Gumucio. Tres retos de la comunicación para el cambio social. **Contratexto**, v. 16, n. 16, p. 59-64, 2008

CASTILLO R., Carmen. El Laboratorio de Teatro Campesino e Indígena y la construcción de la vida buena en Ticopó, Yucatán, México. **Intercom** - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 131-145, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=69868744009> . Acesso em: 22 jun. 2025.

LIMA, Nataly de Queiroz. **Redes sociais, juventude rural e desenvolvimento local**: apropriações de propostas de comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas pelos jovens do Cariri Cearense. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/b5cW3qNdsg7cJhX38Jbv5dR/> . Acesso em: 22 jun. 2025.

SAEZ, V.M.M. Comunicar para transformar, transformar para comunicar. Tecnologías de la información desde una perspectiva de cambio social. In: BRINGE, A.C.; DAGRON, A.G. **Pensar desde la experiencia**: comunicación participativa en el cambio social. Bogotá: Corporación Universitaria Minuto de Dios. Facultad de Ciencias de la Comunicación, 2014.

Outras leituras não articuladas no texto

BARRANQUERO-CARRETERO, Alejandro; SÁEZ-BAEZA, Chiara. Comunicación y buen vivir. La crítica descolonial y ecológica a la comunicación para el desarrollo y el cambio social. **Palabra Clave**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 41–82, 2014. Disponível em: <https://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/4211> . Acesso em: 22 jun. 2025.

BARRANQUERO-CARRETERO, Alejandro; ANGEL, Adriana. Mapa de Objetos y Perspectivas en Comunicación, Desarrollo y Cambio Social. **Universitas Humanística**, [S. l.], v. 81, n. 81, 2015. DOI: 10.11144/Javeriana.uh81.mopc. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/11207> . Acesso em: 22 jun. 2025.

CONTEÇOTE, Marcelo Luis. **Comunicar para mudar**: estudo das metodologias de desenvolvimento de comunidade e da comunicação para o desenvolvimento e para a mudança social. 2008. 221 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

MELO, José Marques de; BRITTES, Jussara Gorski. A trajetória comunicacional de Luis Ramiro Beltrán. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. Acesso em: 22 jun. 2025.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 2, n. 2, p. 205–228, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v2i2.22855. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22855> . Acesso em: 22 jun. 2025.